

PONTIFÍCIO ATENEO SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

Amós: o profeta da justiça social

**AGOSTINHO Odássio
AGUNG Ferdinandus
HEDYANTO Adwansius
RODRIGUES Gabriel
RODRIGUES Wilmar Adriel Wolff**

Literatura Profética

Prof: Dr. Pe. Shigeyuki Nakanose, SVD

São Paulo 2026

INTRODUÇÃO

1.1 Origem: quem é Amós?

O profeta Amós foi um dos profetas do Antigo Testamento que anunciou a palavra de Deus ao povo de Israel Norte, denunciando injustiças sociais e corrupção religiosa. Segundo pesquisas, Amós era natural de Técuá, uma pequena cidade do reino de Judá, ao sul de Jerusalém: Ele não era sacerdote nem profeta profissional, pois a própria Bíblia diz que ele era: pastor de ovelhas cultivador de sicômoros (figueiras); isso aparece em Am 7,14-15, quando ele afirma que Deus o chamou diretamente. Mesmo sendo de Judá, Deus o enviou para profetizar em Israel Norte. Ele pregou principalmente em Betel, um importante centro religioso da época. Seu ministério ocorreu durante o reinado de: Jeroboão II.

O papel principal do profeta foi o de ser um defensor da justiça social e um crítico severo da hipocrisia religiosa (cf. Am 5,24). Ele atuou no século VIII a.C., durante um período de grande prosperidade material, mas de profunda decadência moral e espiritual de Israel Norte (cf. Am 2,6). Amós, antes de ser profeta, trabalhava como pastor (cf. Am 1,1; 7,14), elemento primordial que define o lugar e o grupo de apoio a partir do qual o profeta realiza sua pregação. Seu trabalho profético pode ser dividido em quatro temas: denúncia da Injustiça Social, crítica à hipocrisia religiosa, anúncio do juízo divino e chamada ao arrependimento. No primeiro ponto, Amós condenou veementemente a elite de Israel Norte que enriquecia às custas da exploração dos pobres, denunciando práticas como o suborno de juízes e a escravidão por dívidas. Em sua crítica à elite religiosa, afirma que rituais e sacrifícios eram inúteis se não fossem acompanhados por uma vida ética. Sua frase icônica resume esse papel: "quero ver brotar o direito como água e correr a justiça como torrente que não seca" (Amós 5,24). No anúncio do juízo ele advertiu que o privilégio de ser o povo escolhido trazia maior responsabilidade e que a persistência no pecado levaria à destruição e ao exílio da nação. Por fim, sua chamada ao arrependimento, apesar das mensagens de condenação.

1.2 Contexto e realidade histórica

O contexto histórico do profeta Amós situa-se em Israel Norte, no período do rei de Israel Jeroboão II (786-746 a.C.), momento em que se vive um período de paz e prosperidade (2Rs 14,23-28), que se estende pelos 40 anos do reinado de Jeroboão II. Este tempo é marcado por uma estabilidade política e um florescimento econômico sem precedentes. A expansão territorial, a segurança das fronteiras e o controle das rotas comerciais (rota dos reis e a do mar) geraram uma acumulação de riquezas extraordinária, ao ponto de Amós denunciar: “Estendem-se nos leitos de marfim, espreguiçam-se nos seus divãs” (Am 6,4).

No entanto, essa prosperidade não era distribuída equitativamente. A realidade social era de profunda desigualdade. A elite, composta por grandes proprietários de terras, comerciantes e sacerdotes que viviam em luxo, enquanto a massa camponesa e os trabalhadores urbanos viviam na miséria, em suas palavras: «Vacas de Basã que oprimem os pobres e esmagam os necessitados» (Am 4,1). O texto bíblico descreve uma sociedade onde “os ricos se enriquecem e os pobres se empobrecem” (cf. Am 2,6-7). Os comerciantes falsificavam os pesos, vendiam o trigo por preço exorbitante e compravam os pobres por um par de sandálias (Am 8,4-6). A corrupção judicial era generalizada: os juízes aceitavam subornos e desviavam o direito dos pobres nos tribunais (Am 5,10-12). Amós proclama a urgência do direito: «Que o direito corra como água, e a justiça como torrente caudalosa» (Am 5,24).

A realidade religiosa também era distorcida. O culto a Javé havia sido sincretizado com práticas cananeias e egípcias. Os altares de Betel e Dã tornaram-se centros de peregrinação, mas o culto havia perdido sua essência ética. O próprio Amós ironiza o entusiasmo religioso vazio: «Ide a Betel e pecai, a Guilgal e pecai ainda mais!» (Am 4,4). O povo acreditava que a mera observância dos rituais, festas e sacrifícios garantiria a proteção divina (cf. Am 4,4-5), independentemente de como tratavam os oprimidos. Diante disso, percebe-se que Javé rejeita o culto desvinculado da justiça: «Odeio, desprezo as vossas festas, não suporto o cheiro das vossas assembleias» (Am 5,21). A religião havia se tornado um mecanismo de segurança social e política, em vez

de um caminho de relacionamento com Deus, o que tornava o anúncio de Amos radicalmente subversivo (cf. Am 7,10-13).

1.3 A mensagem de Amós

Em sua mensagem uma das coisas mais criticadas por Amós é o luxo da classe alta, observadas principalmente nos seus magníficos edifícios bem como na sua forma de vida (cf. Am 5,11). Ataca Amós, como nenhum outro profeta, os palácios dos ricos, construídos com silhares, cheios de objetos valiosos; como se isso fosse ainda pouco, esta gente se permite também ter casa de verão (cf. Am 3,15), e passam o dia de festa em festa, no meio de toda espécie de comodidades (cf. Am 6,4-6a). Esta crítica ao luxo tem raízes mais profundas, pois aquilo que o profeta nota estar faltando nas classes superiores, não se trata da transgressão de determinados mandamentos, mas a falta de compaixão solidária para com os acontecimentos do povo de Deus.

Dentro de sua mensagem o profeta Amós denuncia fervorosamente as injustiças cometidas pela classe alta. Esta situação ocorre, na medida que os ricos se enriquecem à custa dos pobres, esquecendo-se deles (Am 6,6b) e oprimindo-os. Definitivamente, o que essas pessoas entesouram em seus palácios não são arcas de marfim, nem divãs de damasco, mas violências e crimes. «Eles obtiveram suas riquezas oprimindo os fracos e esmagando os indigentes e esmagando os indigentes» (Am 4,1), «desprezando o pobre e tomando deli o imposto do trigo» (Am 5,11), «vós que esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra» (Am 8,4), vendendo gente inocente como escravos (2.6), falsificando as medidas e aumentando os preços (Am 8,5b). Esta forma de atuar completamente contrária ao espírito fraterno que Deus exige, encontra-se afiançada pela venalidade dos juizes, que "transformam o direito em veneno e lançam por terra a justiça" (Am 5,7), que «odeiam os que se defendem na porta e detestam aquele que fala com sinceridade» (Am 5,10), que «aceitam suborno, e repelem os indigentes à porta» (Am 5,12).

Não obstante, os habitantes de Israel Norte julgam que esta situação de desigualdade social, de opressão e injustiça, é perfeitamente compatível com a vida religiosa. Realizam peregrinações a Betel e a Guilgal, oferecem sacrifícios

todas as manhãs, pagam os dízimos, organizam preces e atos de ação de graças, fazem promessas e celebram festas. Acreditam ser isso suficiente para agradar a Iahweh. Deus, porém, o rejeita por intermédio de seu profeta. As visitas aos santuários só servem para pecar e aumentar os pecados (Am 4,4); as demais práticas não respondem à vontade de Deus, mas ao beneplácito do homem (Am 4,5). Deus não quer oferendas, holocaustos e cânticos, mas sim direito e justiça (Am 5,21-24).

O profeta Amós ataca a falsa segurança religiosa. O povo se considera seguro pois se dizem "o povo escolhido", libertado por ele do Egito (cf. Am 3,1) e escolhido dentre todas as famílias da terra. Ele se julga estar em situação privilegiada e pensa que nenhuma desgraça poderá lhe acontecer (cf. Am 1,10). Mais ainda, espera a vinda do "dia de Javé", um dia de luz e de esplendor, de vitória e de bem-estar. Derruba Amós toda esta concepção religiosa. Não é Israel melhor do que os demais reinos (cf. Am 6,2). A saída do Egito não é um privilégio, uma vez que, Deus também pôs em movimento os filisteus desde Cáftor e os sírios desde Quir (cf. Am 9,7). E se houve benefício especial, isso não é motivo para sentir-se seguro, mas para maior responsabilidade perante Deus. Os privilégios passados, que o povo não quis aproveitar, transformam-se em acusação e em causa de punição: «Só a vós eu escolhi dentre todas as famílias da terra, por isso eu vos castigarei por toda a falta» (Am 3,2). Dessa forma se explica que quando chegar o dia de Javé esse, por sua vez, será terrível, tenebroso e obscuro (cf. Am 5,18-20; 8,9-10).

O livro de Amós é curto, no entanto muito consistente e concreto, dentro da proposta do profeta. Possui cinco visões e uma grande variedade de oráculos para denunciar a realidade vivida em Israel, mas também em algumas nações vizinhas. Sua profecia, denunciando as injustiças e atacando diretamente a opulenta e ostensiva vida da Elite, em especial a corte, não está tão preocupada com o cumprimento da lei, como nos escritos sacerdotais, pois sua preocupação está nas injustiças e corrupção da sociedade israelita. Logo Amós assume um estilo de escrita inovador, marcado pela crítica da corrupção da Samaria.

1.4 Redação

É importante compreender que no livro de Amós há vários acréscimos realizados por alguns seguidores de Amós e por reedições pós-exílicas, por isso é comum perceber algumas “anomalias” em relação ao texto original, o qual acredita-se que esteja entre os capítulos 3-6. Posteriormente acrescentou-se os oráculos contra as nações (cf. Am 1-2) e as visões (cf. Am 7-9), possivelmente redigidos por seguidores de Amós. O texto, em seu formato atual, possivelmente foi compilado no reino do Sul, após a queda de Israel Norte. Um exemplo de ampliação está em Amós 5,8-9, em que há uma doxologia com formato hínico, interrompendo a denúncia social iniciada no versículo 7; também em Am 4,13, ao lermos «Porque é ele quem forma as montanhas e quem cria o vento, quem revela ao homem seu pensamento, quem faz da aurora trevas e quem caminha sobre os altos da terra: lahweh, Deus dos Exércitos, é o seu nome.», percebe-se outro acréscimo para uso litúrgico. As doxologias (cf. Am 4,13; 5,8-9; 9,5-6), provavelmente foram inseridas no período do rei Josias e provavelmente aperfeiçoadas posteriormente.

Durante o período exílico, para justificarem-no, acrescentaram os oráculos contra Tiro (cf. Am 1,9-10), Edom (cf. Am 1,11-12) e Judá (cf. Am 2, 4-5), afirmando que a queda de Jerusalém e o exílio em si, foram resultados da infidelidade a Javé. Provavelmente entre o fim do exílio e início do Pós-exílio, adicionou-se uma mensagem de salvação (cf. Am 9,11-15), indicando que se o povo voltasse a ser fiel a Javé, Ele o libertaria. Da mesma forma, a discussão com Amasias (Am 7,10-17) no templo de Betel e a descrição dos abusos de Israel (cf. Am 8,4-14), tratam-se de acréscimos posteriores. Diante disso, por meio das ampliações realizadas em períodos posteriores a Amós, muito do que está escrito no livro do Profeta possivelmente não é de sua autoria. Dessa forma, os principais acréscimos percebidos no livro são: Am 1,3-2,5; 4,13; 5,8-9; 7,10-17; 8,4-14; 9,5-6; 1,9-15; 9,11-15.

1.5 Estrutura

O livro de Amós, pode ser estrutura em 4 partes. Vejamos a seguinte estrutura:

- Primeira parte: (1,3-2,16), compõe-se de oito oráculos contra as nações vizinhas e contra Judá e Israel; Tem como culminante um oráculo contra Israel, sendo o mais desenvolvido na denúncia dos pecados e no anúncio do castigo; Seção importantíssima por apresentar Deus como defensor da justiça em todas as nações;

- Segunda parte: (3,1-6,14) apresenta as acusações e o anúncio do juízo contra os diversos grupos da Elite de Israel; denuncia as injustiças, o falso culto, a recusa a converter-se, o luxo e o orgulho da classe alta de Samaria. Deus castigará tudo isso, enfrentar-se-á com seu povo, passeará no meio dele espelhando a escuridão e a morte;

- Terceira parte (7,1-9,6) é formada pelo relato de cinco visões, que anunciam o fim do reino do norte; o próprio Senhor se faz ver a Amós. Ele vê o Senhor de pé em cima de um muro, com um fio de prumo na mão, e diz ao profeta: «Eu vou colocar um fio de prumo no meio de meu povo, Israel; não tornarei a perdoá-lo». O fio de prumo é um símbolo do julgamento divino» (cf. Is 30,13; 34,11)

- Quarta parte (9,7-15) contém um discurso final da salvação. O fim do exclusivismo e a justiça universal. Deus contradiz a ideia de que Israel teria um "passe livre" apenas por sua história. Ele lembra que, embora tenha libertado Israel, também moveu outros povos (etíopes, filisteus e sírios). A mensagem é clara: o privilégio espiritual traz responsabilidade, e o pecado de Israel não será ignorado apenas por sua linhagem. Deus remove a máscara da autossuficiência de Israel, executa um julgamento seletivo para purificar o povo e termina prometendo uma era de paz, reconstrução e fartura inabalável.

Como síntese, segue o esquema:

- 1- 8 oráculos contra as nações vizinhas de Israel: Am 1-2,16;
- 2- Oráculos de advertências e ameaças a Israel: Am 3-6,14;
- 3- Visões: 7-9,10;
- 4- Oráculos de Salvação: 9,11-15.

➤ **1ª Parte:** contra as nações estrangeiras:

Am 1,3: “Assim falou lahweh” (Damasco);

Am 1,6: “Assim falou lahweh” (Gaza);

Am 1,9: “Assim falou lahweh” (Tiro);

Am 1,11: “Assim falou lahweh” (Edom);

Am 1,13: “Assim falou lahweh” (Amon);

Am 2,1: “Assim falou lahweh” (Moab);

Am 2,4: “Assim falou lahweh” (Judá);

Am 2,6: “Assim falou lahweh” (Israel).

➤ **2ª parte:** contra a Israel:

Am 3,1: “Ouvi esta palavra”;

Am 4,1: “Ouvi esta palavra”;

Am 5,1: “Ouvi esta palavra”;

1 Subseção (ainda dentro da Segunda parte)

Am 5,7: “Ai”;

Am 5,18: “Ai”;

Am 6,1: “Ai”;

3ª Parte: Visões

Am 7,1: “Assim me fez ver o Senhor lahweh”;

Am 7,4: “Assim me fez ver o Senhor lahweh”;

Am 7,7: “Assim me fez ver o Senhor lahweh”;

Am 8,1: “Assim me fez ver o Senhor lahweh”;

Am 9,1: “Vi o Senhor”;

4ª parte: salvação

Am 9,11: “Naquele dia, levantarei a tenda de Davi que caiu”.